

A dislexia na primeira pessoa: dados de uma partilha entre pares

Tatiana Henriques – Instituto Politécnico de Leiria/Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Isabel Simões Dias - Instituto Politécnico de Leiria/Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Centro de Investigação em Qualidade de Vida (CIEQV), Núcleo de Investigação e Desenvolvimento em Educação (NIDE) - Grupo Projeto Creche (GPC)

RESUMO

Este relato descreve, na primeira pessoa, a vivência da dislexia, revelando os dados partilhados entre pares no dia 11 de dezembro de 2014, no âmbito da unidade curricular de Problemas de Aprendizagem, do Mestrado em Educação Especial – domínio cognitivo-motor, do Instituto Politécnico de Leiria/Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.

Palavras-chave: Dislexia, experiência pessoal, escola

ABSTRACT

This report describes, in the first person, the experience of living with dyslexia, revealing the data shared between peers on December 11, 2014, within the course of Learning Disabilities, of the Master in Special Education - motor-cognitive domain, of the Polytechnic Institute of Leiria / Higher School of Education and Social Sciences.

Keywords: Dyslexia, personal experience, school.

Sendo uma estudante do Ensino Superior com dislexia e défice de atenção, a docente de Prática de Ensino Supervisionada (Mestrado em Educação Pré-Escolar - Instituto Politécnico de Leiria/Escola Superior de Educação e Ciências Sociais), no ano letivo 2014/2015, desafiou-me a partilhar a dislexia na primeira pessoa junto dos colegas do Mestrado em Educação Especial – domínio cognitivo-motor, no âmbito da unidade curricular de Problemas de Aprendizagem. Este relato revela os dados compartilhados no dia 11 de dezembro de 2014.

Segundo Teles (2004) a dislexia é uma patologia, na maioria das vezes, de origem hereditária, que se caracteriza por: “ (...) défices na leitura, no processamento fonológico, na memória de trabalho, na capacidade de nomeação rápida, na coordenação sensoriomotora, na automatização, e no processamento sensorial precoce.” (p.8). Ou seja, a dislexia não é uma doença (Chasty, 2002, Teles, 2004, Cabussú, 2009, Silva, 2009) pelo que, sendo uma condição única e intransmissível, exige que se aprenda a viver com ela. Em criança, brincava com tudo ao mesmo tempo, nunca estava muito tempo a fazer a uma tarefa. Na escola, estava sempre distraída ou fora da fila, brincando com os lápis (em vez de pintar) ou ficando para trás nas atividades. Sentia-me diferente dos outros, mas sabia-me inteligente. Esta situação paradoxal (ser inteligente e ter dificuldades escolares) originou, momentos de tristeza e depressão que foram sendo ultrapassados com a ajuda. Para mim, a dislexia é a dificuldade em abotoar uma camisa, em atar os atacadores, em organizar, em perceber a distância espacial. É tropeçar (repetidamente) numa mesa, bater na esquina da porta, deixar a tampa da garrafa mal fechada, é demorar o dobro do tempo a ler o mesmo texto que os colegas, é deixar textos a meio ou ler palavras num texto que, efetivamente, não estão lá e fazê-lo repetidamente. É ter a certeza que disse algo que na verdade não se disse, é, ao desenhar, deixar a folha toda suja, com riscos carregados e retas tortas, é não ser capaz de transmitir uma mensagem ao leitor. É passar por mentirosa, preguiçosa, desleixada e desastrada. É não ser escolhida pelos pares para a sua equipa porque se deixa cair a bola, por exemplo. É gostar de aprender tudo de forma desordenada. É ter dificuldades em aprender uma nova língua. É ter medo, de ser gozada, porque se tem dificuldades de consciência fonológica. É saltar de linhas quando se está a ler uma informação, principalmente em tabela. É ter cadernos com os cantos dobrados e as folhas escritas em páginas alternadas.

Para lidar com estas minhas características, no 1.º Ciclo do Ensino Básico, socorria-me da ajuda da minha mãe para fazer os trabalhos de casa ou para estudar. Lia em voz alta para ela, aguardando as

suas questões sobre o texto apresentado. (Re)escrevia cerca de 5 vezes as palavras redigidas de forma incorreta, mas antes ia ao dicionário ver como se escreviam. Ao longo do meu percurso escolar, a colaboração extra sala de aula de professores-tutores e/ou explicadores foi determinante para me dar segurança e incentivar a aprender a gostar de livros e a escrever pelo prazer de escrever. Outra estratégia que fui adotando foi procurar ficar sentada nos lugares da frente, perto da secretária do professor e, de preferência, com o colega que mais estimava. Esta parceria afetiva ajudava-me a ter um modelo a observar e a imitar, um modelo que esclarecia dúvidas e dava explicações *in loco*. Mudar de escola, (re)iniciar o percurso escolar com novos colegas e professores, estudar a temática da dislexia e falar desta problemática sem tabus também contribuiu para que fosse aprendendo a lidar com esta dificuldade específica de aprendizagem. Conhecendo a dislexia, aos poucos, fui percebendo que, para não me enganar a ler e a falar, era importante falar/ler silabicamente. Atualmente, quando leio um documento que não entendo, tento sublinhar as palavras difíceis, substituindo-as por outras mais simples e socorro-me do computador usando diferentes cores para categorizar a informação. Fazer puzzles, realizar jogos de encaixe e/ou outros jogos de forma competitiva ou conduzir são outras atividades que, penso, me ajudaram a lidar com as minhas características.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cabussú, M. A. (2009). Dislexia e estresse: implicações neuropsicológicas e psicopedagógicas. *Revista Psicopedagogia*, 26(81), 476-485.
- Chasty, H. T. (2002). O que é a Dislexia? Em DITT, *O Choque Linguístico – A Dislexia nas Várias Culturas* (pp. 8-21). Bruxelas: Dyslexia International – Tools and Technologies.
- Silva, S. S. (2009). Conhecendo a dislexia e a importância da equipe interdisciplinar no processo de diagnóstico. *Revista Psicopedagogia*, 26(81), 470-475.
- Teles, P. (2004). Dislexia: Como identificar? Como intervir? *Revista Portuguesa de Clínica Geral*, 1-23